

Elegia a Campinas

CMF J.2.2.72

GUILHERME DE ALMEIDA

(Discurso pronunciado pelo Príncipe dos Poetas, na homenagem que lhe foi prestada sexta-feira nesta cidade)



Guilherme
de Almeida

Campinas, Princesa do Oeste — Alteza: A ordem excelsa com a qual houve por bem vossa munificência trazer-me por instantes para ao pé do vosso sólio, é prêmio que excede qualquer galardão que pudesse a minha prosápia almejar. Ora, no íntimo inquirir-me dos motivos de tal feminino, lisonjeiro capricho, resvalou inevitavelmente meu pensamento pela escorregadia rampa das similitudes. Os títulos. O principado. O vosso e o meu. O vosso, uma imposição da História. O meu...

Permiti-me, Alteza, uma leve, talvez leviana mas oportuna evocação. Quando, no dia 22 de outubro de 1959, na Academia Brasileira de Letras recebia eu o ideológico laurel, foi com as seguintes palavras que iniciei a minha "Mensagem": — "O príncipe não é o principal. O principal é haver, entre as muitas terras do utilitário mundo de hoje, uma terra útil que ainda sonha".

Ora, essa "terra útil que ainda sonha" porque acredita nos poetas, essa terra, neste instante, é esta nossa, bem nossa, sempre nossa, só nossa, cada vez mais nossa Campinas. E é no simplório desejo de me sentir à altura de Vossa Alteza que vos rogo, Senhora, a graça de lembrarmos, juntos, o que eram, como eram, no meu tempo, estes doces chãos em que folgamos, infantes. Esse "meu tempo": O Ano da Graça de 1902, vindo eu do Rio Claro para cursar o primeiro ano no Ginásio já famoso. Essa Campinas: a familiaridade. Estou dando a esta palavra um ultra-sentido que os dicionários ignoram: o de um respeitoso, embora íntimo, cole-

tivo e bom sentir-se "em casa". Minha casa: casa da Dindinha, Rua Barão de Jaguará, 86. Ali, em frente, a de Moça Franco. Aqui, ao lado, à esquerda a de Nhanhan Lapa... (Ah! minha "Ballade des dames du temps jadis!"). Campainhando, campainhando, vem vindo o bonde "Aquidaban": três bancos só e dois burrinhos de olhos meigos. Vou eu a pé, rumo ao Ginásio, meu pega-livros de cadarso, o porta-lanche a tira-colo. Na esquina de cá é o Rink: seu circo e sua pantomima aquática. Ao de lá, adiante, é a Casa Genoud: livros, cadernos escolares, lapis-decor, estôjo com compasso, régua e tira-linhas. Agora é o Largo do Rosário: seus jogos de água sob alecrins. Além, o Christofani: absente para meu tio Eurídio, "anissette" com sifão para mim. Já na Praça, na esquina, o "Livro Azul", onde vi a primeira fita de cinema: "L'arroseur arrosé", dos Irmãos Lumière. Ao fundo, a Matriz velha: minha primeira comunhão no dia de meus anos: no braço, fita branca de cetim franjada de ouro, a bênção do Padre Ribas, o retrato no fotógrafo Nieckelsen; almôço festivo, em casa, fios-de-ovos e papos-de-anjo de Dona Lucinda, a doceira... O Ginásio: fala-se em Coelho Netto que eu não via nunca, e numa tal "Pastoral", que eu não sabia o que era. Mas foi minha a primeira bola e minha a primeira chuteira do primeiro futebol que em Campinas se jogou. Passou 1902. Agora, já meus pais estão em São Paulo: e eu lá, no Ginásio São Bento, 3.º ano. Súbito, um desmaio, no recreio: dois meses entre a vida e a morte. E, miraculado convalescente de duas febres letais, sou levado por Dom Nery, o grande prelado campineiro e amigo da família, para o Colégio São

José, de Pouso Alegre, Minas, seu novo bispado. E foi aí que, uma noite...

...na sala calada e triste do Estudo, sob a pálida luz do acetileno, a mão sobre o caderno aberto na carteira, o lápis entre os dedos, senti que êstes, tamborilando, de leve, contavam: — contavam qualquer coisa como um pulso, um novo pulso, que não era das artérias, e que espantosamente acontecia. Mas, por que? Para que?... Era uma imensa coisa como o Verbo. Onipotente coisa como o Fiat. Encantadora coisa como o Ritmo. E eu, pasmo: — O que será?... Sôa bem... É bonito... Mais do que a palavra, mais do que a música, mais do que o pensamento... Uma coisa de milagre... E assim,

como de mim há de partir uma alma,
de mim partiu o meu primeiro verso.

Campinas, amorosa amada minha: — De vós trazendo a luz do meu primeiro dia, o amor dos meus e o amor aos meus, eu deixei de ser "eu" para ser "NÓS". / E foi-me sendo a vida/ uma DANÇA DAS HORAS que fugiam/ e o respirar num farto MESSIDOR, / com meus momentos de meditação/ relendo o LIVRO DE HORAS/ DE SÓROR DOLOROSA que é a saudade. / Saudade, sim, da infância, das histórias, / do ERA UMA VEZ um príncipe de sonho, / ou um pastor da Grécia lamentando/ A FRAUTA QUE EU PERDI junto a uma fonte/ na qual se enamorara de si mesmo/ Narciso, A FLÔR QUE FOI UM HOMEM. / Eis que dêsse erudito ENCANTAMENTO/ bruscamente me volto à realidade/ do mundo que era o MEU, da RAÇA que era a minha/ e da SIMPLICIDADE e amor com que escrevi/ minha última CARTA À MINHA NOIVA, / e resolvi tratar a vida por VOCÊ/ e desafiar o ACASSO ao lhe confiar/ CARTAS DO MEU AMOR; e sem variar/ o meu destino de POESIA VÁRIA/ que, se olhou para trás, mulher de Loth, / fêz-se o ANJO DE SAL, ou dormitou/ no seio de ACALANTO DE BARTIRA. / Agora, a marcha-a-ré no Tempo: as renascidas/ língua e poesia balbucian-do falas/ de um antigo e PEQUENO ROMANCEIRO. / Mas, bruscamente, uma descida à RUA, / à realidade de hoje, nua e crua, / que nem vê passar pelo passeio/ alguém que leva na lapela, / sobre o seu coração, uma flôr simples: / mais que rosa, um amor, mais que amor, uma rosa: / — ROSAMOR!

Alteza Sereníssima:

Porque de vós provindo e, pois, benvindo é tudo quanto hei sentido, pensado e dito por todo um meio-século de versos mais diversos, glória bastante para mim é o a vosso lado sentir-me, como agora estou, vosso, bem vosso, todo vosso "par droit de conquête et de naissance".